

SERRA DA CAPIVARA E A EMERGÊNCIA DO *HOMO SYMBOLICUS* HOMENAGEM A NIÈDE GUIDON

Plinio Montagna

A Serra da Capivara situa-se no sudeste do Estado do Piauí em sua confluência com Bahia e Pernambuco, abrangendo uma área estimada em 128.140 hectares, com mais de setecentas espécies vegetais catalogadas. Dentro dela, o Parque Nacional do mesmo nome contém a maior concentração de pinturas rupestres do mundo (Bucu, 2013). Nele foram encontradas, segundo essa autora, mais de 30 mil pinturas em 1354 sítios já catalogados. Destes sítios, 204 estão abertos à visitação, 172 deles especialmente preparados para tal, sendo que alguns contemplam requisitos para pessoas com necessidades especiais.

As pinturas, do paleolítico superior, retratam cenas do cotidiano: há desenhos de caças, danças, rituais, atos sexuais, partos, cenas da vida diária, animais pré-históricos, sendo a mais famosa delas conhecida como *o beijo*, porque assim se parece, talvez o primeiro beijo retratado do mundo, embora haja quem interprete a figura como a de uma mãe dando de comer pela boca a uma criança, pelo tamanho um pouco assimétrico dos corpos desenhados e pelo posicionamento deles.

Os desenhos identificam ou narram, ou eventualmente podem ser tidos como ritualísticos, já que mostram figuras humanas em posições dinâmicas, como se estivessem dançando. Existem também grafismos difíceis de serem identificados. Há ainda pintura de animais míticos, como o “homem-pássaro”, o que sugere não apenas registro do cotidiano, mas a representação de uma criação abstrata. As motivações, as interpretações, os simbolismos são, assim, diversos, refletem experiências e crenças dos povos pré-históricos que habitaram a região. Retratam aspectos da vida, da mente, da espiritualidade dos primeiros habitantes do continente, inscrevem-se como memória grupal, como transmissão cultural e possível fonte de aprendizado para as próximas gerações de sua época. A maior concentração das pinturas se dá entre 6 mil a 12 mil anos atrás. Por seu turno, evidências arqueológicas indicam que sociedades ceramistas e agrícolas ocuparam a região há cerca

Plinio Montagna.
Analista didata e
ex-presidente da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de
São Paulo (SBPSP)
e da Federação Brasileira
de Psicanálise (FEBRAPSI).
Consultor do Comitê de
Psicanálise e Lei da IPA e
ex-membro de seu Board de
Representantes.
pkmontagna@gmail.com

de 3 mil anos, retratando em suas pinturas rituais, cenas cotidianas e padrões geométricos.

Mas há pinturas mais antigas, produzidas ao longo de extenso período; detecções por carbono-14 indicam ocupação humana até há 48 mil anos, o que se contrapõe à antiga teoria da chegada do ser humano nas Américas há 13 mil anos pelo Estreito de Behring, que é conhecida como “Clovis First”¹, por ter sido esse o lugar do continente americano onde se encontrou o suposto primeiro sítio de artefatos arqueológicos no continente americano; ali foram encontradas especialmente pedras lascadas, sendo então Clóvis tido como marco inicial da migração para as Américas.

Dois belíssimos museus, nível primeiro mundo, compõem o panorama piauiense: o Museu da Natureza, que contextualiza o ambiente em que os humanos pré-históricos habitaram, com temas como a formação do universo, com fósseis de artrópodes marinhos extintos, réplicas de animais da megafauna, filmes sobre a relação humana com a natureza, etc. — e o Museu do Homem Americano, que entre outras coisas exhibe os dados que contestam a teoria Clovis, urnas funerárias e esqueletos, flechas da tecnologia pré-histórica, e exposição sobre a megafauna local.

O entorno desse maravilhoso conjunto se dispõe numa paisagem impressionante, composta por formações geológicas únicas, cânions espetaculares, estruturas que criam vales profundos esculpido ao longo de milhões de anos num espaço que já foi mar, e em que há cerca de 220 milhões de anos um movimento tectônico arremessou para longe toda a água que ali existia, criando, pelo vento e pela chuva, montanhas de curvas fluidas e sinuosas, assim como cânions profundos, que lembram, como observa Abujamra (2023), a obra de Gaudi.

Passamos a saber que durante o Pleistoceno, época geológica que finda há 11700 anos pela última glaciação, período de oscilações climáticas intensas, a região abrigou a megafauna. Preguiças gigantes (megatérios), tigres dentes de sabre, mastodontes, tatus gigantes, macrauquênias², toxodontes, cavalos pré-históricos por lá viviam, tendo sido extintos pelas mudanças climáticas, escassez de alimentos e eventualmente ações do *Homo sapiens*. Com eles conviveram os humanos que nos brindaram com suas pinturas rupestres. Uma impressionante reconstrução em tamanho real de um preguiça gigante de oito metros de altura nos espera no Museu da Natureza.

Registre-se que todo o bioma que domina o Parque e seu entorno, como parte fundamental de sua identidade cultural e arqueológica, é

1 Clovis é o nome de uma cidade no Novo México, EUA, onde foram encontradas pontas de lança bem acabadas junto a ossos de mamute.

2 Mamífero com cascos, de pernas dianteiras mais compridas que as traseiras; Darwin, que encontrou seus fósseis na Patagônia, chamou-os de “o animal mais estranho que já descobriu”.

a caatinga, com seus cactos, mandacarus, bromélias, adaptados à seca, e árvores de tronco retorcido como a gameleira e o juazeiro, com sua fauna típica atual, compostas por mocós, tatus bola, macacos prego, onça pintada, e aves como o jacu. A caatinga é um bioma encontrado exclusivamente no Brasil.

Esse mundo fascinante, um espetáculo magnífico, só pôde vir à luz através do trabalho incansável, assombroso, de Niède Guidon, antropóloga e arqueóloga que dedicou sua vida à região. Paulista de Jaú, formada pelo então curso de História Natural da USP, especializou-se em Arqueologia Pré-histórica na Universidade Paris 1, Sorbonne, em 1961-1962. Retornou a ela em exílio durante a ditadura militar brasileira, lá concluindo doutorado e pós-doutorado em Pré-História. De volta ao Brasil, trabalhou no Museu do Ipiranga, e, recebendo informações sobre a existência de pinturas rupestres no Piauí, conseguiu chegar à área atravessando os caminhos precários de então, passando a dedicar-se a seu desbravamento e à sua preservação, à sua formidável riqueza arqueológica e à instrução de sua gente. Criou o Parque Nacional da Serra da Capivara, mudou as condições de vida da região, conseguiu verbas francesas, italianas e posteriormente do CNPq e BNDES para criar os dois museus de nível primeiro-mundista.

Desenvolveu projetos comunitários locais, literalmente transformou um sertão isolado e de difícil acesso, árido, esquecido, longínquo. Transmutou uma vasta extensão de terra inóspita em polo de pesquisas e atração internacional, abrindo espaço inclusive para o turismo, com estradas, guaritas, redefinindo a partir dos sítios arqueológicos com suas pinturas rupestres, o destino de um dos lugares mais pobres do país. Mas nada foi fácil: em seu percurso muitas vezes teve que suportar isolamento, cortes de verbas, abandono do Estado, sabotagens políticas, ameaças pessoais. Niède venceu.

É preciso apontar, com Abujamra (2023), que a exuberância arqueológica do entorno contrasta com a pobreza que existe na região. Para se ter uma ideia dessa pobreza, a cidade de Guaribas, no sudoeste do estado, foi a cidade piloto do programa de combate à fome do governo federal em 2003 por apresentar o menor Índice de Desenvolvimento Humano do país àquela época.

O trabalho de Niède Guidon é de valor inestimável, sendo a meu ver merecedora de premiação internacional de vulto, maior do que qualquer pura condecoração oficial, por grande que esta pudesse vir a ser. Essa ponderação, além de informativa, tem a intenção de homenageá-la, expressando a admiração profunda que a ela dedicam todos aqueles que conheceram e sabem apreciar sua obra.

Mas ao menos um prêmio internacional Niède Guidon já recebeu: o Prêmio Príncipe Claus, na Holanda, em 2005, pelo seu trabalho em desenvolvimento sustentável e preservação cultural. Diante de si, a arqueóloga tinha 4,5 bilhões de anos de existência da Terra, 540 milhões de anos do surgimento dos primeiros animais, talvez 250 mil anos do *Homo sapiens*, e, de acordo com a datação que defendeu, cerca de 60 mil anos do início do povoamento das Américas, o que ainda é uma questão polêmica.

II

Diversos são aqueles que visitam a serra e são acometidos por algum impacto emocional, por vezes profundo, tocados por vivência pessoal marcante, inusitada, de dimensão eventualmente transformadora.

Nossa identidade pessoal se refere a uma representação de nós mesmos que garante um sentimento de existência e coesão. Está ligada a experiências particulares, memórias, relações com o ambiente, história de vida. Compreende a proteção da própria biografia em suas singularidade e unicidade e o reconhecimento dos elementos imutáveis, perenes. Berry (1991) destaca que a visitação a lugares passados, onde se morou, reforça a coesão consigo mesmo ao reativar memórias, eventualmente conferindo a elas novos significados, deste modo reafirmando, mas também redimensionando nossos elementos identitários. Muitas vezes cogitei comigo mesmo sobre essa perspectiva de Berry. Por outro lado, ao me defrontar com um espetáculo novo da dimensão da Serra da Capivara, tenho para mim que a vivência de nossa identidade pode circunstancialmente se transmutar diante de um encontro com o novo da dimensão que o espetáculo da Serra nos oferece. O rumo de minha experiência tocou uma direção transcendente, pelo lançamento de minha consciência a um estado inusitado, sublime, maior. Mais além da contemplação, a incrível sensação da vastidão se impôs como algo que reverberava e surpreendia enquanto se interiorizava a vivência de um encontro com algo indefinível, que fugia às palavras.

Um contato mutativo como o descrito acima guarda aproximações e ressonâncias com um processo psicanalítico “*comme il faut*”. Este vai, a meu ver, além do binômio transferência-contratransferência: além deste dá-se, ou pode dar-se, um encontro humano verdadeiro, de grande potencial transformador. Um encontro que se dá não somente pela incorporação da alteridade, por vezes penosa, mas do prazer de uma incorporação-fusão com essa mesma alteridade, uma experiência nos

limites da realidade humana (Montagna, 2001). Num encontro verdadeiro o eu se perde no outro, para se reencontrar em si mesmo e se transformar.

Constitui um terceiro elemento capaz de catalisar transformações pessoais, e se caracteriza por presença emocional genuína de ambas as partes da dupla. Para mim derivada da teoria buberiana (1974/2015), uma indicação de certo modo análoga nós vamos encontrar em Stern e colaboradores no trabalho em que introduzem o conceito de momento presente como unidade básica da experiência intersubjetiva. Ele e seu Grupo de Estudos do Processo de Mudança, de Boston, apontam haver certa evidência de que “a maioria dos pacientes, depois de terminar um tratamento bem sucedido, tende a lembrar de duas espécies de efeitos nodais, que acreditam tê-los feito mudar. Uma se refere às interpretações-chave, que reorganizaram a paisagem interna. Outra diz respeito aos “momentos” especiais de ligação autêntica pessoa a pessoa com o terapeuta, que alterou a relação com este e conseqüentemente a auto-percepção do paciente” (2000, p. 197). Nesse artigo os autores introduzem o “momento presente” como unidade básica da experiência subjetiva.

Considere-se nessa linha a relevância primordial em muitas análises do próprio jogo interativo entre personalidades, dos aspectos que ligados à relação analista-analisando/a, compõem o que Ogden (2020) discute como seus elementos ontológicos; e se considere também a concepção de movimentos inconscientes da dupla analítica como trans-individuais, conforme propõe James Grotstein (2005), quando diz preferir a nomenclatura transidentificação projetiva, já que na assim chamada identificação projetiva a participação de elementos internos do próprio analista é inevitável, um componente fundamental.

Hoje em dia, a rigor, a psicanálise se move mais em direção à observação daquilo que se passa no espaço entre analisando e analista, sobrepujando a observação de um eu isolado, que se completa em si mesmo. Lembremos que o próprio Grotstein, ao comentar sobre a época que vivíamos na virada do século — e que a rigor ainda vivemos — afirmou no Congresso Brasileiro de Psicanálise de 1999, que se um historiador do futuro revisitasse aquele momento da psicanálise, diria que se tratava do momento da primazia da contratransferência (Grotstein, 1999).

Trinca (2019) trabalha a experiência humana que ele tem como de imaterialidade, que existe, segundo ele, “em vivências experimentadas no espaço da abrangência, do sonho, da presença de vida, da harmonia, da transfiguração, da primordialidade e da infinitude, entre outros aspectos. O espaço mental modificado, tornando-se propício ao contato com a imaterialidade existente no próprio mundo” (p.13). São vivências de

“mobilidade, leveza, silêncio, imagens espontâneas, eternidade, amplidão, sublimidade e assim por diante, criando uma abertura à visão do mundo, de modo que este se manifesta em propriedades imateriais a uma consciência apta a recebê-lo” (idem)

Cito esse autor porque sua descrição também auxilia na exposição de minha experiência ao me deparar com a amplidão e beleza da serra moldando o mítico universo da viagem à pré-história que se estampa nas rochas, no que aprendemos serem chamados grotões. Ao nos aproximarmos desses, são inevitáveis as indagações sobre a mente primitiva, sua composição inconsciente e a evolução da consciência humana em suas dimensões universais. Surgem indagações sobre nosso desenvolvimento simbólico, proto-simbólico e pré-simbólico, ou seja, sobre a evolução do universo simbólico humano e o curso de nosso mundo mental.

Emerge uma vivência do Inefável, que está além da linguagem, que escapa à representação mas ainda assim é vivido, sendo mesmo um modo de *conhecer* aquilo que não se deixa reduzir a palavras (Filidoro, 2013), abrindo-se ao sensível, simbólico, intuitivo, silencioso, e que Saramago associa ao amor (Salgueiro, 2000).

O trabalho analítico lida frequentemente com esse inefável, o que escapa à representação verbal mas que pode ser vivenciado na relação terapêutica. Para Bion (1962) o inefável, que não pode ser capturado pela linguagem, associa-se à experiência emocional bruta, aos elementos beta, não transformados pela função alfa. É algo infinito, desconhecido e fora do alcance da linguagem articulada, impossível de ser plenamente descrito em palavras. O inefável, “in-falável”, é pré-reflexivo, uma forma de contato ou conhecimento pré-simbólico do mundo e da existência.

III

Tanto psicanálise como arqueologia se alimentam do invisível, do vestígio. Com questões vestigiais a respeito de reflexivo e pré-reflexivo, simbólico e pré-simbólico, traçamos, ao nos aproximarmos dos grotões, algumas conjecturas sobre os desenhos que se descortinam naqueles abertos à visitação, e indagamos acerca da mente humana e seu desenvolvimento.

Visualizando os grafismos rupestres, reintroduz-se a questão inaugural: porque e para que humanos deixaram traços sobre as pedras?

Guidon (1986, p. 770) aponta que “as pinturas rupestres não são apenas ornamentos, mas narrativas sociais carregadas de significado social e mítico”.

Não imaginemos que seriam mensagens enviadas ao futuro distante, mas sim parte da fundamental comunicação dentro de seus grupos; sabemos que antes dos símbolos, a vida trocava informações através de elementos diversos; comunicação intergrupar é encontrada em animais desde os invertebrados aquáticos. Elementos químicos como feromônios, estímulos táteis, vibratórios, visuais, hidrodinâmicos (como os movimentos sincronizados de peixes em tempo real para coordenação rápida), são recursos de comunicação nas espécies. Insetos, como formigas, cupins, abelhas, há 350 milhões de anos se organizam entre si grupalmente de forma altamente especializada. Vocalização desde os anfíbios, vocalizações variadas, sinais visuais e outros nas aves para coordenação de voo, aviso de predador e cooperação parental; nos mamíferos sociais troca de informações por vias visual, vocal, química, expressões faciais.

Basicamente a comunicação grupar se rege por promover e proteger defesa e reprodução. Sobe na escala primitiva até os primatas e se otimiza com o aprimoramento do cérebro e suas funções nos mamíferos, nos macacos por exemplo, dos homínídeos e dos humanos posteriormente, que alcançam a comunicação simbólica.

Por seu turno, a comunicação de eventos não presentes e a transmissão intergeracional de técnicas de caça e produção de fogo dá-se com o aparecimento do *Homo erectus*, há 600 mil anos (Tattersall, 2012), sendo que o advento do simbolismo se encontra nos *Homo neanderthalensis*, e primeiros *Homo sapiens*, que enterram seus mortos com objetos, usam pigmentos e ornamentos corporais (Mithen, 2005, p. 201).

A capacidade de criar símbolos, como as pinturas rupestres, foi o marco decisivo que diferenciou os humanos de outros animais, permitindo transmissão do conhecimento, organização social complexa e a formação de uma identidade cultural conjunta.

A passagem ao símbolo, ao *Homo symbolicus*, foi seguramente a *cesura* mais profunda e mais relevante da história da humanidade, uma espécie de “big bang” da mente humana. Passou-se a atribuir significados a signos, possibilitando linguagem, mitos, uma cesura antropológica, que leva à capacidade de pensar a experiência. A “coisa em si mesma”, sem mediação, sem tempo, sem narrativa, concreta, se transforma, através de uma ruptura, pode-se dizer através da ativação da função alfa com a devida transformação de elementos beta, em imagens oníricas, símbolos, palavras, mitos. É lícito afirmar-se que o desenvolvimento da função alfa no ser humano está no centro de sua humanização. Cria-se uma distância entre a experiência e a representação da experiência. Este evento se repete no desenvolvimento de cada ser humano, a ontogenia repete a filogenia.

Através da continência materna, de seu reverie, faz-se possível a instauração do que Bion chamou de função alfa.

O desenvolvimento da linguagem possibilita a evocação de objetos ausentes, através do re-apresentar, representar mentalmente (Sauvet, 1994). Além disso a linguagem tem uma função emotiva, a de exprimir os sentimentos próprios, afetos, emoções. São as funções cognitiva (referencial) e afetiva (subjativa). Dentre nós psicanalistas, isto é bem explorado por Meltzer (1967), que refere as funções instrumentais da linguagem, para transmitir informações, e as expressivas, que revelam os estados internos. Difícil cravarmos os estados emocionais embutidos nas pinturas rupestres, só os podemos supor, mas algumas das informações instrumentais são indubitáveis.

A capacidade humana de representação é única no mundo animal, tornando-se a ferramenta fundamental na origem da linguagem, verbal e visual (Sauvet, p 84).

Por seu turno, as transformações no modo de representação da consciência estão implicadas na evolução da mente humana, (Donald, 1991). Registros coletivos, marcação territorial, transmissão de saberes, são algumas explicações para as pinturas. Também rituais de caça, fertilidade, função mágica de dominar o animal, são razões para desenhos como os encontrados. Podem refletir sonhos, visões, podem dar forma e tornar visíveis imagens internas. O arqueólogo Steven Mithen (1996) reafirma que a arte rupestre é uma das primeiras formas de linguagem simbólica complexa, unindo emoção, memória e narrativa.

A meu ver, não podemos excluir também a existência de elementos com finalidade lúdica nas pinturas.

É fundamental lembrarmos que o ser humano, para se organizar como tal, necessita do outro. Para a psicanálise, isto é quase seu be-a-bá, mas importa frisarmos que o ser humano é gregário, e se sobreviveu, sobreviveu como grupo, enquanto grupo; ele está inevitavelmente imerso numa cultura para se tornar humano.

A comunicação simbólica plena iniciou-se há não mais de 100 mil anos atrás, quando a linguagem já contém sintaxe complexa, metáforas, mitos, que possibilitam a transmissão cultural cumulativa, da qual podem fazer parte pinturas rupestres de modo geral, como afirmou Guidon (1986). Substitui-se o ato pelo símbolo.

Mas lembremos que para se articular a pré-história, mito e psicanálise, o texto inaugural é *Totem e Tabu* (1913/1953). Ali, Freud pensa a origem da cultura a partir do assassinato do pai primevo, seguido de remorso e instauração do totemismo e tabu do incesto. Está em pauta a renúncia pulsional em nome do coletivo, a tomada do símbolo como substituição

da realidade imediata. Freud argumenta que o avanço cultural se funda precisamente nesse deslocamento: o que era vivido na ação, a violência, o desejo, passa a ser sustentado por um signo compartilhado. O totem vem a ser um emblema da passagem ao simbólico, vem a ser uma solução estruturada, simbólica, para um trauma fundante. O símbolo impede que a culpa leve à desagregação completa do grupo, a partir da instalação de um pacto social.

A passagem ao patamar do abstrato é trazida por Freud em *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1964), quando ele se refere à instituição de um Deus invisível.

IV

Atendo-nos à evolução da consciência humana, sua precursora foi, segundo Donald (2001), a comunicação baseada em gestos simbólicos e a comunicação simples; a MÍMICA foi permitindo, com a elaboração dos gestos, a comunicação do que ocorreu no passado e de algo no futuro; permitia a elaboração de um dicionário mental, de um dicionário simbólico, até que, com a invenção léxica, foi se formando um novo corpo de conhecimento, que exigiu armazenamento apropriado.

Smith (2006) argumenta que as pinturas das cavernas conseguiram criar uma possibilidade de memória fora do corpo, um meio externo de armazenamento de informações. É um momento da evolução que permite a narração de mitos, em que a evolução da consciência a apresenta, conforme denomina Donald (2001), consciência mítica, que precede a consciência teórica, sendo que esta possibilitou a comunicação mais abstrata.

As imagens encontradas na Serra da Capivara, bem como talvez em outros sítios rupestres, compõem uma linguagem visual que espelha não somente modos de sobrevivência, mas também a pluralidade do mundo dos primeiros habitantes do futuro Piauí. Ao retratar na parede seu cotidiano, aqueles humanos constroem um mundo compartilhado, em que experiências singulares encontram lugar no tecido simbólico da comunidade. As paredes externas são equivalentes a um aparelho psíquico externo, que guarda traumas, desejos, narrativas, tal como Freud descreve a memória da humanidade. As pinturas rupestres, acompanhadas dos outros achados arqueológicos, como os enterros simbólicos, indicam a presença de linguagem simbólica complexa, que só teria sido possível, de acordo com Mithen e Donald, acima citados, com a utilização da linguagem verbal.

A profundidade temporal do conjunto abre espaço para evocarmos Jung (1954/2016) e seu conceito de inconsciente coletivo. Resultando da hereditariedade, este é composto por arquétipos, que são formas universais pré-existentes, transmitidos através de milênios, representando o modelo básico do comportamento instintivo.

Também Bion, como sabemos, concebeu uma dimensão da mente que precede a experiência individual, dimensão esta que não é fruto de história pessoal, mas formas universais da psique humana. Se para Jung estas são representadas pelos arquétipos, para Bion são inatas as pré-concepções, que existem antes do encontro com o objeto, mas cuja realização depende da qualidade do encontro com o objeto real (Bion, 1962).

No que diz respeito à consciência humana, Jung (1964) conjeturou que sendo esta uma aquisição recente da natureza, podia ter em povos primitivos um nível de desenvolvimento diverso do nosso; muitos deles assumem, diz ele, que o homem tem uma “*bush soul*”, uma “alma do mato”, ou seja, a crença de que além de sua própria ele tem uma segunda alma que pode habitar um animal selvagem ou uma árvore, com a qual ele teria algum tipo de identidade psíquica. Dissociações de corpo e alma são curiosamente encontradas em povos indígenas, até hoje, no Brasil. O colega David Azoubel contava que durante uma estadia em aldeia indígena no Xingu saiu com um grupo para caminhar fora da aldeia, em passo acelerado; na volta, sentaram-se por um momento num tronco de árvore para descansar. Logo ele propôs a continuação da caminhada, ao que um dos indígenas disse: ainda não posso, minha alma ainda não chegou.

Mas tenhamos algumas considerações sobre o simbolismo e a linguagem que nos tornam humanos; foi com estes é que surgiram arte, mitos, religião, formando parte da rede simbólica que tece a experiência humana; “o homem já não pode enfrentar a realidade de forma direta; já não pode, por assim dizer, enfrentá-la face a face. A realidade física parece recuar na mesma proporção em que avança sua realidade simbólica. Em vez de lidar diretamente com as coisas ele conversa, por assim dizer, consigo mesmo” (Cassirer, 2001, p. 50).

Os símbolos podem ser discursivos ou apresentativos, na concepção de Langer (1942).

Os primeiros são típicos caracterizam-se por sua estrutura lógica e sequencial, sendo típicos da linguagem verbal, da lógica e da matemática. Referem-se a uma descrição factual, argumentação lógica e transmissão de informação objetiva. Exemplo: $E = mc^2$.

Os apresentacionais, ou não discursivos, são característicos das artes, mitos, rituais ou experiências religiosas. A obra de arte inteira é o símbolo.

Configuram uma forma de sentimento, da experiência subjetiva e de conceitos complexos. Dão acesso ao inefável. Ambos revelam duas maneiras complementares de se relacionar com o mundo.

Há que se fazer notar que o trabalho de simbolização, marca definitiva do *Homo symbolicus*, está longe de ser apenas uma aquisição cognitiva de rara importância comunicacional. É um aparelho que se destina também à própria sobrevivência psíquica. Apresenta-se como o mecanismo evolutivo ontogenético crucial para a transformação de experiências intoleráveis, em toleráveis, a partir de serem pensadas, eventualmente sonhadas, integradas, e integradas à trama da vida mental. Uma outra função das pinturas rupestres da Serra da Capivara pode também ser pensá-las um produto de mentes humanas tentando elaborar suas experiências com finalidade de sobrevivência, psíquica e eventualmente física.

Tendo em mente, enquanto psicanalistas, que uma função primordial nossa é a de viabilizar o caminho da simbolização, esta será a nossa Serra da Capivara: o espaço onde a humanidade do indivíduo se afirma por meio de suas manifestações simbólicas.

■

Resumo O trabalho se refere às pinturas rupestres encontradas na Serra da Capivara, trazidas à luz por Niède Guidon, enaltecendo seu trabalho e apresenta, de um lado, a vivência emocional do autor ao se deparar com a Serra e essas pinturas, e, por outro lado, discutindo a emergência do símbolo como elemento essencial da mente humana.

Palavras chave Niède Guidon, Inefabilidade, Evolução humana, Inconsciente coletivo, Simbolismo, Linguagem, Função alfa

Serra da Capivara and the emergence of *Homo symbolicus* homage to Niède Guidon

Abstract This work refers to the cave paintings found in Serra da Capivara, brought to light by Niède Guidon, praising her work and presenting, on the one hand, the author's emotional experience when encountering the Serra and these paintings, and, on the other hand, discussing the emergence of the symbol as an essential element of the human mind.

Keywords Niède Guidon, Ineffability, Human evolution, Collective unconscious, Symbolism, Language, Alpha function

Referências

- Abujamra, A. (2023). *Niède Guidon: Uma arqueóloga no sertão*. Rosa dos Ventos.
- Berry, N. (1991). *O sentimento de identidade*. Escuta.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. William Heinemann.
- Buber, M. (2015). *Eu e tu*. Centauro Editora. (Trabalho original publicado em 1974)
- Buco, E. (2013). *Turismo arqueológico: Região do Parque Nacional da Serra da Capivara*. Fundação do Homem Americano; SEBRAE.
- Cassirer, E. (2001). *Antropologia filosófica: Introdução a uma filosofia da cultura*. Martins Fontes.
- Donald, M. (2001). *A mind so rare: The evolution of human consciousness*. W.W. Norton & Company.
- Filidoro, O. (2013). *Lo inefable: Introdução à epistemologia do inefável*. Libertas Editora.
- Freud, S. (1953). *Totem and taboo*. In J. Strachey (Ed. e Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 1–162). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1913)
- _____. (1964). *Moses and monotheism*. In J. Strachey (Ed. e Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 1–136). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1939)
- Grotstein, J. S. (1999). A antiga ordem mudou. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33(1), 133-149.
- _____. (2005). Projective transidentification: An extension of the concept of projective identification. *International Journal of Psychoanalysis*, 86(4), 1051-1069.
- Guidon, N., & Delibrias, G. (1986). Carbon-14 dates point to man in the Americas 32 000 years ago. *Nature*, 321(6072), 769-781.
- Jung, C. G. (2016). Os arquétipos e o inconsciente coletivo. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 9/1). Vozes. (Trabalho original publicado em 1954)
- _____. (1964). Approaching the unconscious. In M.-L. von Franz (Ed.), *Man and his symbols* (pp. 1-94). Aldus Books.
- Langer, S. K. (1942). *Filosofia em nova chave*. Martins Fontes.
- Meltzer, D. (1967). *The psycho-analytical process*. Heinemann.
- Mithen, S. (1996). *The prehistory of the mind: The cognitive origins of art, religion and science*. Thames and Hudson.
- Montagna, P. (2001). O encontro, além da transferência e da contratransferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35(3), 531-542.

- Ogden, T. H. (2020). Psicanálise ontológica ou o que você quer ser quando crescer. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 23-45.
- Salgueiro, A. F. (2018). A inefável contradição de José Saramago: Apontamentos à volta do processo criativo. [Palestra]. III Festa da Literatura de Chaves.
- Sauvet, G. (1995). Rhétorique de l'image préhistorique. *Monographies de la Revue Française de Psychanalyse*, 1994, 83-116.
- Smith, C. (2006). O despertar da mente moderna. *Mente & Cérebro*, 16(170), 88-94.
- Stern, D. N., et al. (2000). Mecanismos não interpretativos na terapia psicanalítica – “Algo mais” além da interpretação. *Livro Anual de Psicanálise*, 14, 197-214.
- Trinca, W. (2019). *Uma imagem do mundo*. Blucher.

DOI
10.5935/0101-3106.v47n80.12